

Gláucia Wesselovicz
Janaina Cazini
(Organizadoras)

Diálogos sobre **Inclusão 2**



Glaucia Wesselovicz
Janaina Cazini
(Organizadoras)

Diálogos sobre Inclusão 2

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Geraldo Alves
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof^a Dr^a Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof.^a Dr.^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof.^a Dr.^a Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof.^a Dr.^a Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.^a Dr.^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof.^a Dr.^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof.^a Dr.^a Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof.^a Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.^a Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
D536	<p>Diálogos sobre inclusão 2 [recurso eletrônico] / Organizadoras Glauca Wesselovicz, Janaina Cazini. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Diálogos Sobre Inclusão; v. 2)</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-363-7 DOI 10.22533/at.ed.637192805</p> <p>1. Brasil – Condições sociais. 2. Desenvolvimento social. 3. Integração social. I. Wesselovicz, Glauca. II. Cazini, Janaina. III. Série.</p> <p style="text-align: right;">CDD 361.2</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná - Brasil

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

Atena
Editora

Ano 2019

APRESENTAÇÃO

A obra “Diálogos sobre Inclusão” aborda uma série de livros de publicação da Atena Editora, em seus 24 capítulos do volume II, apresenta estudos relacionados a inclusão social com propósito de cooperar para que profissionais, educadores e toda sociedade possam contribuir para elaboração de políticas públicas que garantam as mesmas oportunidades a todos.

Apesar do nosso país ser conhecido por sua diversidade e pluralidade cultural, o problema da exclusão social atinge várias camadas da sociedade e entender como solucioná-las é tarefa complexa, que envolve diferentes esferas sociais interligadas.

Embora estejamos no Século XXI, com um cenário tecnológico e de informação em grande avanço, ainda a condição do acesso aos direitos fundamentais e de igualdade não atingem a quem mais precisa.

Estar atento às possibilidades, é inerente a todos os equipamentos da sociedade e, para isso, o trabalho conjunto entre Instituições educacionais, ONGs e organizações públicas e privadas, se tornam essenciais. Seja no acesso a informação ou cumprimento das leis que asseguram o acesso a igualitário de todos.

Esperamos que esta obra possa inspirar e incentivar a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva.

Glaucia Wesselovicz
Janaína Cazini

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
AS POLÍTICAS PÚBLICAS E A EQUIDADE NA EDUCAÇÃO: UM ESTUDO DE CASO DE UMA ESCOLA DA REDE MUNICIPAL DE PICOS-PI	
Shearley Lima Teixeira Paulo Fernando Mafra de Souza Junior	
DOI 10.22533/at.ed.6371928051	
CAPÍTULO 2	11
A CONSTRUÇÃO DE UM NAPNE NA EDUCAÇÃO INFANTIL DO COLÉGIO PEDRO II	
Cintia Tavares Ferreira Celeste Azulay Kelman	
DOI 10.22533/at.ed.6371928052	
CAPÍTULO 3	23
A DISCIPLINA DE LIBRAS NO ENSINO SUPERIOR: UM PANORAMA DOS ACADÊMICOS DE LETRAS DA UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI	
Luiza Valdevino Lima Daniela Valdevino Lima Luciana Maria de Souza Macedo Geórgia Maria de Alencar Maia Ana Patrícia Silveira	
DOI 10.22533/at.ed.6371928053	
CAPÍTULO 4	31
A EDUCAÇÃO INCLUSIVA COM FOCO NA PESSOA COM DEFICIÊNCIA: POSSIBILIDADES DE ATUAÇÃO DO NAPNE	
Amanda de Almeida Soares Karla Percília da Silva Fortes	
DOI 10.22533/at.ed.6371928054	
CAPÍTULO 5	37
A GESTÃO PEDAGÓGICA E O PROCESSO DE INCLUSÃO EDUCACIONAL DE ALUNOS CEGOS: UM ESTUDO DE CASO	
Alexandre Ribeiro da Silva Geandra Claudia Silva Santos	
DOI 10.22533/at.ed.6371928055	
CAPÍTULO 6	52
ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO, INTELIGÊNCIA E CRIATIVIDADE NO PIBIC: UM ESTUDO SOBRE A UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO	
Vera Borges de Sá Laís Bezerra Ferraz Pedro Botelho Cynthia Maria Pereira da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.6371928056	

CAPÍTULO 7	64
APAE: DAS CONCEPÇÕES FILOSÓFIAS ÀS IMPLICAÇÕES PEDAGÓGICAS PARA A INCLUSÃO DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA EM RIO BRANCO - ACRE	
Maria Auxileide da Silva Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.6371928057	
CAPÍTULO 8	76
AS ESPECIFICIDADES DO TRANSTORNO Opositor DESAFIADOR NO PROCESSO DE INCLUSÃO ESCOLAR	
Ana Paula Silva Andrade Jorge	
Ana Luiza Barcelos Ribeiro	
Bianka Pires André	
DOI 10.22533/at.ed.6371928058	
CAPÍTULO 9	84
CENTRO DE ATENÇÃO AO DESENVOLVIMENTO EDUCACIONAL (CADE): UMA REDE DE APOIO NA IMPLEMENTAÇÃO DE UMA POLÍTICA EDUCACIONAL INCLUSIVA EM SANTO ANDRÉ-SP	
Amanda Sousa Batista Do Nascimento	
DOI 10.22533/at.ed.6371928059	
CAPÍTULO 10	94
CONTRIBUIÇÕES DO ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO PARA A EFETIVAÇÃO DA INCLUSÃO ESCOLAR	
Cristiane de Fatima Costa Freire	
Francileide Batista de Almeida Vieira	
DOI 10.22533/at.ed.63719280510	
CAPÍTULO 11	105
DISCUTINDO A APRENDIZAGEM DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA, TRANSTORNOS GLOBAIS DO DESENVOLVIMENTO E ALTAS HABILIDADES OU SUPERDOTAÇÃO NA ESCOLA PÚBLICA	
Maria das Dores Trajano da Silva,	
Fernanda Araújo Tavares Sabino	
Alice Lima da Silva	
Thayná Souto Batista	
Vagda Gutemberg Gonçalves Rocha	
DOI 10.22533/at.ed.63719280511	
CAPÍTULO 12	113
EDUCAÇÃO INCLUSIVA NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA: VISLUMBRANDO DESAFIOS POSSÍVEIS	
Rejane Gomes Ferreira	
Isandra de França Medeiros	
DOI 10.22533/at.ed.63719280512	

CAPÍTULO 13	122
EDUCAÇÃO NO BRASIL: O USO DAS CONCEPÇÕES INCLUSIVAS E AS PROPOSTAS INTERDISCIPLINARES DENTRO DA EDUCAÇÃO INFANTIL	
Luandson Luis Da Silva	
Samilly dos Santos Bernardo Luis	
Joel Nunes De Farias	
Aldair Viana Silva de Alcaniz	
Nadjeana Ramalho da Silva	
Elaine Cristina Meireles Silva	
Elenith Jussier de Lima Silva	
Ivanildo Severino da Silva	
Hosana Souza de Farias	
DOI 10.22533/at.ed.63719280513	
CAPÍTULO 14	134
EDUCACIÓN HOSPITALARIA, VOCES DESDE UNA EDUCACIÓN SENTIDA	
Priscilla Cabrera Huichalaf	
José Guillermo Reyes Rojas	
DOI 10.22533/at.ed.63719280514	
CAPÍTULO 15	142
FORMAÇÃO DOCENTE E A PRÁTICA DO ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO PARA ESTUDANTES SURDOS	
Polliana Barboza	
Fernando Rodrigues Tavares	
DOI 10.22533/at.ed.63719280515	
CAPÍTULO 16	152
ESTUDO DE CUNHO ETNOGRÁFICO DA EXPERIÊNCIA DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA VISUAL NO ENSINO SUPERIOR: SIGNIFICADOS E EVIDÊNCIAS	
Ana Cristina Silva Soares	
DOI 10.22533/at.ed.63719280516	
CAPÍTULO 17	163
GESTÃO ESCOLAR E EDUCAÇÃO INCLUSIVA NA PERSPECTIVA DO PACTO NACIONAL PELA ALFABETIZAÇÃO NA IDADE CERTA	
Amanda Drzewinski de Miranda	
Eliza Ribas Gracino	
Nilcéia Aparecida Maciel Pinheiro	
Sani de Carvalho Rutz da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.63719280517	
CAPÍTULO 18	178
INCLUSÃO, EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE: MÚLTIPLOS OLHARES	
Walkiria de Fátima Tavares de Almeida	
Daniel González González	
DOI 10.22533/at.ed.63719280518	

CAPÍTULO 19	187
O ENSINO DA HISTÓRIA E CULTURA AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA COMO CAMINHO PARA DIMINUIR O RACISMO NA ESCOLA	
<p>Maria Leonilde da Silva Allan Kardec Alves da Mota Karla Janaina Barbalho Maciel Cátia Silene da Silva Araújo Pereira</p>	
DOI 10.22533/at.ed.63719280519	
CAPÍTULO 20	199
O LEDOR DIANTE DOS ESTUDOS SOBRE A DEFICIÊNCIA	
<p>Antônio Ferreira de Melo Júnior</p>	
DOI 10.22533/at.ed.63719280520	
CAPÍTULO 21	210
O PAPEL DO GESTOR ESCOLAR NO ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO EM UMA ESCOLA MUNICIPAL DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL DE CAMPINA GRANDE - PB	
<p>Débora Aragão Bezerra</p>	
DOI 10.22533/at.ed.63719280521	
CAPÍTULO 22	215
OLHARES E PERCEPÇÕES DOCENTES SOBRE A INCLUSÃO NO INSTITUTO FEDERAL DE ALAGOAS	
<p>Géssika Cecília Carvalho da Silva Márcia Rafaella Graciliano dos Santos Viana Elidiane Lemos do Nascimento Michele Santana de Oliveira Elisnando Correia Ferreira</p>	
DOI 10.22533/at.ed.63719280522	
CAPÍTULO 23	226
SABERES DA EXPERIÊNCIA DE MULHERES LABIRINTEIRAS DA COMUNIDADE DE REDONDA/CE	
<p>Eliane Cota Florio Stenio de Brito Fernandes Geraldo Mendes Florio Magnólia Maria Oliveira Costa Ana Lúcia Oliveira Aguiar</p>	
DOI 10.22533/at.ed.63719280523	
CAPÍTULO 24	236
TRABALHO DOCENTE, EDUCAÇÃO INCLUSIVA E OS PROCESSOS DE EXCLUSÃO: UM ESTUDO A PARTIR DA ABORDAGEM ESTRUTURAL DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS	
<p>Sabrina Araujo de Almeida Judith Perez Ferreira Pedro Humberto Faria Campos</p>	
DOI 10.22533/at.ed.63719280524	
SOBRE AS ORGANIZADORAS	248

EDUCACIÓN HOSPITALARIA, VOCES DESDE UNA EDUCACIÓN SENTIDA

Priscilla Cabrera Huichalaf

Programa de Magíster en Educación m/
Informática Educativa

Departamento de Educación, Facultad de
Ciencias Sociales, Universidad de Chile
priscillacabrerah@gmail.com

José Guillermo Reyes Rojas

Programa de Magíster en Educación m/
Informática Educativa

Departamento de Educación, Facultad de
Ciencias Sociales, Universidad de Chile
jose.reyes.r@ug.uchile.cl

RESUMEN: El presente artículo busca explorar y comprender el significado que dos profesionales de la educación le dan a su quehacer laboral en un contexto de educación hospitalaria. A través de sus relatos extraídos mediante entrevistas en profundidad, se procede a analizar y levantar teoría sobre el sentido de su cotidianeidad en la interacción con alumnos en estado de hospitalización. Finalmente, el estudio pone en valor la complejidad y multidimensionalidad que involucra el trabajo en contextos hospitalarios. Asimismo, se destaca la importancia de generar conocimiento científico que emerja desde la voces de los actores que directamente intervienen y construyen espacios de inclusión, como lo es el caso del aula hospitalaria.

PALABRAS-CLAVE: Educación hospitalaria.

Educación inclusiva. Educación emocional.

1 | INTRODUCCIÓN Y PLANTEAMIENTO DEL PROBLEMA

Para el Estado de Chile, la educación es concebida como derecho tanto desde su propia constitución política (Mineduc, 2003, p. 8) como también desde la suscripción a tratados internacionales, entre otros, la Convención sobre los Derechos del Niño (aprobada por Chile el año 1990) donde se asegura que “los estados partes reconocen el derecho del niño a la educación en condiciones de igualdad de oportunidades de ese derecho” (en Ibid.). Sin embargo, no es hasta el año 1998 mediante el Decreto Supremo de Educación N° 374/09/99 que la educación hospitalaria es reconocida por ley y, por añadidura, sujeta a los deberes que al Estado son exigidos para dar cumplimiento a la aplicación de la normativa (Mineduc, 2003). Actualmente en Chile funcionan más de 40 escuelas hospitalarias reconocidas oficialmente lo que ha permitido dar cobertura, en un contexto de reforma educativa, a niños y niñas que, de no ser por esta alternativa de formación, sanación y reinserción, estarían excluidos del derecho a un acceso igualitario a la educación.

El presente estudio se sitúa en el Colegio

Hospitalario Con todo el Corazón reconocido por el Ministerio de Educación a partir del 10 de junio de 2009. Funciona dentro del Hospital Público Dr. Luis Calvo Mackenna y cuenta con un equipo de 13 personas compuesto por directivos, docentes y administrativos. En la actualidad posee una matrícula de 94 alumnos, número que varía levemente dependiendo de las altas médicas y las pérdidas de alumnos que han fallecido como consecuencia de su enfermedad.

Entendemos como “aula hospitalaria” al espacio que se le da a la enseñanza y a las múltiples dimensiones del acto educativo en un contexto de enfermedad que obliga a niños y niñas a marginarse del sistema educativo formal. Para Violant, Molina y Pastor (2009) la pedagogía hospitalaria es definida desde la acción de educar situada en un contexto condicionado por la enfermedad padecida. Así, esta modalidad es entendida como una “acción pedagógica que se desarrolla durante los procesos de enfermedad, para dar respuesta a las necesidades biopsicosociales derivadas de dicha situación” (p. 63). Esta definición cobra mayor relevancia cuando destacamos la relación que se da entre la “acción pedagógica” y las “necesidades biopsicosociales”, sobre todo cuando la primera es dispuesta como una “respuesta” hacia la segunda. De este modo, se comprende que la acción educativa es portadora de un potencial que aporta al desarrollo psíquico de los individuos, que evoluciona de manera específica en contextos de enfermedad (Riquelme, 2006), al desarrollo social de la persona o a lo que Berger y Luckman (1967) denominan “socialización secundaria” dada por instituciones de ejercicio de la norma social como la escuela, e incluso lo pedagógico es dispuesto como una herramienta para sobrellevar las necesidades biológicas impuestas por el padecimiento.

Esta forma de comprender lo educativo en contextos hospitalarios es también revelador en cuanto a las cualidades hipotéticas que profesores y profesoras deberían tener al momento de enfrentar la tarea o “acción pedagógica”, características que de manera integral deberían orientarse hacia el apoyo de todas las dimensiones comprendidas en el concepto “biopsicosocial”. Para el Ministerio de Educación de Chile (2003) “el profesor o profesora del aula hospitalaria debe tener y poseer características personales y profesionales que le faciliten su labor y le permitan un pleno desenvolvimiento en este medio tan distinto al habitual de la docencia” (p. 17), estableciendo de modo muy general la versatilidad personal que debería tener el educador o educadora, pero sí dejando en claro que tales cualidades son requeridas al aparecer un escenario para la enseñanza “tan distinto al habitual”, extraordinario, quizás fuera del rango de la preparación o de la formación inicial docente regular. Este tipo de enseñanza demanda a los profesores una “doble función” en la cual, por una parte, debe poner sus esfuerzos en educar al niño o niña en hospitalización o tratamiento, y por otra, ponerse a disposición del personal de salud teniendo como prioridad la mejora del estado de salud del paciente (Mineduc, 2003, p. 17).

Como antecedentes en la generación de conocimiento sobre la pedagogía hospitalaria en Chile destacamos la notable revisión y definición de Violant, Molina

y Pastor (2009) que ha servido como sustento teórico y empírico para múltiples investigaciones en el área, así como las publicaciones de Riquelme (2006, 2007) que surgen como documentos de divulgación científica desde la práctica situada en escuelas hospitalarias a lo largo del país a través de la Fundación Educacional Carolina Labra Riquelme. También es relevante el trabajo del propio Ministerio de Educación que a partir del Decreto Ley del año 1998 y promulgado en 1999, ha realizado la tarea de sistematizar y enmarcar en su plan de reforma la nueva realidad que compone la educación hospitalaria (Mineduc, 2003; Arredondo, 2014). También destacan los trabajos enfocados en la manera en que profesores y profesoras configuran su propio ejercicio profesional desde el afecto y los vínculos, explorando los “sentidos” creados a partir del trabajo docente (Bustos & Cornejo, 2014), o aquellas tesis que se enfocan en la perspectiva y las necesidades de los estudiantes asistentes a estas escuelas promoviendo alternativas de acción pedagógica desde la creatividad y también desde los vínculos y afectos (Bastías, 2015). De todos modos, consideramos que el estudio de la educación y sus agentes en contextos hospitalarios carece aún de la abundancia y diversidad que un área estratégica para la inclusión como la abordada en el presente estudio, demanda en el escenario académico y la discusión pública actual. Es en este contexto de levantamiento de información sobre la realidad educativa hospitalaria a nivel nacional en donde situamos nuestra búsqueda.

Para el abordaje del presente estudio entenderemos al aula hospitalaria como un espacio particular de la acción pedagógica que por su naturaleza demanda y a la vez genera significados extraordinarios para los profesores y las profesoras que tienen oportunidad de llevar a cabo su labor en estos contextos, en comparación con espacios regulares de enseñanza. Esto, sin desmerecer las particularidades que cada espacio y comunidad educativa generan, busca destacar en específico aquellas características que hacen del aula hospitalaria un espacio ejemplar para la inclusión educativa y el ejercicio pleno de los derechos de la infancia.

2 | OBJETIVOS

Objetivo General:

Explorar y conocer las experiencias y significados de dos trabajadoras de la educación en el contexto hospitalario del colegio Con Todo el Corazón ubicado en Santiago de Chile.

Objetivos Específicos:

- Describir los significados de las docentes acerca de sus experiencias laborales.
- Indagar a través de sus relatos en las experiencias cotidianas y significativas a las cuales se enfrentan en su labor educativa.

3 | METODOLOGÍA

El estudio se enmarca en el paradigma metodológico cualitativo, el que a partir de una perspectiva fenomenológica busca describir las experiencias y significados de las docentes acerca de su trabajo en el colegio hospitalario. Según Castro (1996), desde esta perspectiva se concibe a las personas como “actores interpretativos”, favoreciendo la comprensión del conocimiento producido y focalizándose en un análisis micro, que no es posible generalizar por medio de teorías. Posee un alcance exploratorio, producto de la escasa sistematización y visibilización de este tipo de contextos de trabajo. Las técnicas de recolección de datos son la entrevista en profundidad y la observación, las cuales nos permiten adentrarnos de manera compleja en la subjetividad de las hablantes, coherentemente con la finalidad de la fenomenología al “buscar entender los fenómenos sociales desde la propia perspectiva del actor. Examina el modo en que se experimenta el mundo. La realidad que importa es lo que las personas perciben como importante” (Taylor, S. & Bogdan R., 1992, p.16). El discurso que emana de las entrevistas será presentado de manera textual para hacer emerger directamente las “voces” de las participantes en el estudio, aplicando sobre estos relatos un contrapunto escrito que busque, por una parte, describir el “significado que la realidad tiene para los individuos y la manera en que estos significados se vinculan con sus conductas” (Castro, R., 1996, p. 64), y por otra, profundizar, destacar o comprender lo que los investigadores, desde su propio sesgo, consideren relevante para la difusión científica de la experiencia.

Caracterización de los sujetos

Este estudio se basa en las experiencias de dos docentes que se desempeñan laboralmente en el Colegio Hospitalario Con Todo el Corazón. Una de ellas (sujeto 1) docente de educación básica y psicopedagoga, ocupa el rol de directora del establecimiento, liderando a un equipo de 13 profesionales y desarrollando labores como asesor pedagógico. Es una de las fundadoras del proyecto, el cual fue reconocido por el Ministerio de Educación de Chile (MINEDUC) el año 2009.

La segunda participante, profesora de Educación Física (sujeto 2) posee una antigüedad de 4 años en la organización.

Resultados y discusión

De acuerdo a las palabras de ambas docentes y desde sus diferentes roles en el establecimiento, es posible identificar algunas experiencias que han sido significativas para ellas a lo largo de su experiencia en este contexto y emergen casi espontáneamente en ambos relatos:

1.-Cómo se relacionan con la muerte y los significados que le otorgan a estas experiencias:

S.1 “yo le perdí el susto a la muerte, cuando comprendí que ellos necesitan

partir” “un niño me dijo este cuerpo ya no me sirve”.

S1. “nosotros trabajamos las partidas de los niños, hay protocolos de duelo, donde nos cuidamos mutuamente” “celebramos la vida de los niños quienes han partido, hay que celebrar la vida todo el tiempo”.

S.1 “cada uno tiene que encontrar sus propios recursos y buscar una comprensión acerca de la muerte, yo creo que todos nuestros niños están aquí”.

S.2 “el primer caso que me tocó ver fue terrible, lo aplastó un bus. Lo voy a ver al hospital para establecer un vínculo y fue muy fuerte (...) fue muy duro”

S.2 “no hay apoyo psicológico (profesional) en el colegio, pero lo aboradas de otra forma” “la directora es una muy buena líder, nos contiene mucho... es importante la contención el apoyo emocional”

4 I SIGNIFICADO DE EDUCACIÓN Y SU LABOR COMO DOCENTES:

S.1 “nosotros acompañamos a los niños en situación de enfermedad en todo lo que implica la educación” (...) “es un trabajo mucho más complejo”.

S1. “somos un equipo que trabajamos con una mirada de apoyo, de guía” “se trata de encontrarnos como seres humanos”.

S.1 “cuando tú conversas con un niño o adolescente acerca de cómo quiere vivir su vida (...) eso también es educación, es asistencia”.

S.1 “cuando yo planteo cómo le hemos ido dando una vuelta a la metodología y las prácticas que hacemos (...) los niños aprenden increíble, porque estamos de todo corazón” (...) “estamos conectados con los niños por whatsapp” (...) “estamos siempre conectados con ellos”.

S.2 “hay un currículum adaptado (...) los niños escogen su asignatura, nosotros todos tenemos que hacer fichas, esta es una metodología nueva (...) hay que hacer fichas pensando en todo el espectro de alumno que tenemos (...) hay que ir adaptando, sobre todo yo que mi asignatura es muy de mover el cuerpo”.

S.2 “hay muchas cosas que hay que abarcar para que las fichas sean idóneas para todos los niños”(…) yo no puedo llegar y pedir una pelota de plástico, tal vez hay niños que son alérgicos al látex”.

S.2 “lo que yo siento en mis niños, es que el colegio es como su cable a tierra (... la amistad, ellos no se quieren ir del colegio”.

S.2 “hay papás que tienen mucho miedo, otros que por opción no los quieren sacar, porque dicen: en el colegio mi hija es feliz, ella aprende a su ritmo”.

En relación a los relatos de ambas entrevistadas se desprende como una de las experiencias significativas más relevantes emergentes en las entrevistas, una relación cotidiana con la posibilidad latente o explícita de que sus alumnos mueran a lo largo de su estancia en el colegio, lo cual es coherente con lo que plantea Violant, Molina y Pastor (2009) donde se define a la pedagogía hospitalaria como un contexto en el

cual uno de los roles fundamentales tiene relación con responder a las necesidades biopsicosociales de los alumnos, entendiendo su complejidad como sujetos. Es así como se desprende la necesidad de significar, a través de su rol como docentes, el duelo como una experiencia amorosa junto con la naturalización y resignificación del dolor como experiencias que forman parte de la vida, además un proceso comprensivo sobre la naturaleza humana que conlleva a disociar el cuerpo de un elemento espiritual, que es el que define a los sujetos. Los vínculos que se construyen en estos contextos pedagógicos se desarrollan como lo explica Bustos y Cornejo (2014) en un entramado de afectos producidos tanto por el docente como por el educando en situaciones complejas y límites, donde la producción de conocimiento trasciende el contenido curricular propiamente tal, permeando la significación de la vida y otorgándole un sentido espiritual a su experiencia de aprendizaje, la que se produce en similar intensidad tanto para el docente como para el alumno.

En relación a lo anterior, al hablar de Educación nos referimos a un proceso que cobra relevancia en cuanto a su poder sanador a través del vínculo emocional que se establece entre el alumno y sus profesores. Ellos acompañan a los niños y adolescentes en un proceso que los transforma mutuamente, donde el potencial de la acción educativa tiene su relevancia en el desarrollo psíquico de los individuos, el que evoluciona de manera específica en contextos de enfermedad (Riquelme, 2006). De acuerdo a las particularidades de cada alumno el trabajo adquiere características específicas según el contexto y las necesidades de cada cual. De esta forma, como lo menciona Bustos y Cornejo (2014), la labor del docente en un colegio hospitalario es distinta a la de los establecimientos en su gran mayoría, por lo que carecen de una retroalimentación constante, así como de un apoyo o lineamientos claros sobre la práctica pedagógica. De acuerdo al relato de ambas docentes, es crucial adaptar los contenidos curriculares y desarrollar metodologías innovadoras adecuadas a la particularidad de cada estudiante. Es en relación a estos aspectos que asume importancia la versatilidad del docente en la creación de estrategias didácticas y el vínculo emocional que cada profesional establece con sus alumnos, desprendiéndose a través de las entrevistas cómo la motivación del docente por otorgarle a los niños un espacio saludable o de sanación, es un elemento que los tensiona y los conduce hacia la elaboración de prácticas inclusivas que le permitan al alumno comprender su entorno así como su propia condición de enfermedad.

5 | CONCLUSIONES

En este estudio exploratorio pudimos ver emerger múltiples aspectos que sitúan el quehacer pedagógico mucho más allá de los contenidos o programas prescritos para los diferentes niveles de la educación. Desde las voces de las entrevistadas se construyó una idea de “lo educativo” que directamente involucraba los vínculos y afectos

establecidos con los educandos, sus propias definiciones emocionales, sus ideas sobre el trabajo y sobre la relación entre la educación y la enfermedad, entre otros aspectos. Podemos afirmar desde esta experiencia que la multidimensionalidad y versatilidad que es demandada a los docentes que realizan su labor en el aula hospitalaria, es una característica que a la vez se intensifica con el grado de involucramiento y empatía que éstos desarrollan con sus alumnos en un contexto de riesgo de la integridad biopsicosocial.

Cabe destacar la existencia de otros elementos significativos, los que si bien no son desarrollados con la misma amplitud en ambos relatos, sí nos sugieren ser profundizados en futuras investigaciones. Este caso en particular se refiere a las subvenciones y aportes económicos desde el Ministerio de Educación, que pueden ser identificados en expresiones relacionadas a las estrategias que miden los estándares de calidad, en relación a porcentajes de asistencia de los alumnos a sus clases y evaluaciones docentes, entendiendo que no existen indicadores diferenciados que permitan evaluar a los colegios hospitalarios en su contexto y complejidad.

Finalmente y a partir del estado del arte de la investigación y generación de conocimiento académico sobre la realidad de las escuelas hospitalarias, es posible afirmar que la activa indagación en este respecto es una necesidad en la senda del fortalecimiento de la educación inclusiva, cualquiera sea su versión o especificidad. Las voces de los actores que día a día edifican y sostienen esta realidad, dan valor al conocimiento científico en la medida en que este último se construye a partir de las vivencias, inquietudes, discursos o necesidades que surgen del mismo contexto estudiado. En este caso, las voces de trabajadoras de la educación que día a día se enfrentan a la tarea de educar en el contexto hospitalario, con la multiplicidad de demandas emergentes que implica su labor, dan validez a los propósitos del estudio al mismo tiempo que permiten la difusión de su realidad con un conocimiento situado y veraz cuyo valor radica en esa cotidianeidad que construye lazos amorosos y garantiza el derecho igualitario a la educación, aun cuando se enfrenta el dolor o la muerte.

6 | AGRADECIMIENTOS

Queremos agradecer al Colegio Hospitalario Con Todo el Corazón del Hospital Pediátrico Luis Calvo Mackenna de la ciudad de Santiago, por abrirnos sus puertas y permitirnos conocer in situ parte de la valiosa labor que realizan. En especial agradecemos a su directora y a la profesora de educación física, por su generosa disposición para relatar sus experiencias y abrir sus sentires en nuestro proceso de indagación.

Agradecemos también al programa de Magister en Educación m/ Informática Educativa de la Facultad de Ciencias Sociales de la Universidad de Chile, por su constante apoyo en la difusión del conocimiento generado por sus estudiantes y

candidatos a magíster, en especial a la profesora Sandra Meza Fernández por su activa gestión en la promoción de la educación inclusiva y la educación emocional.

REFERÊNCIAS

Arredondo, T. (2014). La pedagogía hospitalaria en Chile. Unidad de Educación Especial, Ministerio de Educación. Santiago.

Bastías, O. (2015). Necesidades de apoyo educativas para el aprendizaje y la participación desde la perspectiva de estudiantes de un aula hospitalaria en la Región Metropolitana: Explorando significados mediante el uso de la palabra y de la fotografía. Universidad de Chile, Santiago.

Berger, P., & Luckmann, T. (1967). La construcción social de la realidad. Buenos Aires. Recuperado de http://cepsifotocopiadora.com.ar/archivos/folios/32166_2015825.pdf

Bustos, C., & Cornejo, R. (2014). Sentidos del trabajo en docentes de aulas hospitalarias: Las emociones y el presente como pilares del proceso de trabajo. *Psicoperspectivas*, 13(2), 186–197.

Castro, R. 1996. En busca del significado: supuestos, alcances y limitaciones de análisis cualitativo. Editorial El Colegio de México. Ciudad de México.

Medina, J. 2014. El proceso de comprensión de datos cualitativos en educación. Editorial Magis. Barcelona.

Ministerio de Educación (2003). Escuelas y aulas hospitalarias: Programa de educación especial. Gobierno de Chile, Ministerio de Educación. Santiago.

Palomares-Ruiz, A. (2016). Educación inclusiva en contextos inéditos:: La implementación de la Pedagogía Hospitalaria. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud*, 14(2), 1507-1522.

Riquelme, S. (2006). Aulas y Pedagogía Hospitalaria en Chile. Gafimpres. Santiago.

Riquelme, S. (2007). La pedagogía Hospitalaria en Chile y la red Latinoamericana y el Caribe de Pedagogía Hospitalaria. Recuperado el 11 de agosto de 2018.

Taylor, S.; Bogdan R. 1992. Introducción a los métodos cualitativos de investigación”. Capítulo 1: “Ir hacia la gente. Editorial Paidós.

Violant, V., Molina, M. & Pastor, C. (2009). Pedagogía Hospitalaria: Necesidades, ámbitos y metodología de intervención (1ª. Ed.). Santiago: Gobierno de Chile, Ministerio de educación.

SOBRE AS ORGANIZADORAS

Glaucia Wesselovicz - Bacharel em Administração (UNIÃO), Especialista em Logística Empresarial (SANTANA) e Especialista em Gestão de Projetos (POSITIVO), Conselheira do COMAD – Conselho Municipal de Políticas Públicas sobre Drogas, Representante do PROPCD – Programa de Inclusão da Pessoas com Deficiência, Representante no Grupo de Gestores do Meio Ambiente dos Campos Gerais, Articuladora de Projetos Estratégicos do SESI para o Conselho Paranaense de Cidadania Empresarial, Junior Achievement, ODS – Objetivo de Desenvolvimento Sustentável atuando a 6 anos com ações de desenvolvimento local.

Janaina Cazini - Bacharel em Administração (UEPG), Especialista em Planejamento Estratégico (IBPEX), Especialista em Educação Profissional e Tecnológica (CETIQT), Practitioner em Programação Neurolinguista (PENSARE) e Mestre em Engenharia da Produção (UTFPR) com estudo na Área de Qualidade de Vida no trabalho. Coordenadora do IEL – Instituto Evaldo Lodi dos Campos Gerais com Mais de 1000h em treinamentos in company nas Áreas de Liderança, Qualidade, Comunicação Assertiva e Diversidade, 5 anos de coordenação do PSAI – Programa Senai de Ações Inclusivas dos Campos Gerais, Consultora em Educação Executiva Sistema FIEP, Conselheira do CPCE – Conselho Paranaense de Cidadania Empresarial. Co-autora do Livro Boas Práticas de Inclusão – PSAI. Organizadora da Revista Educação e Inclusão da Editora Atena.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-363-7

